

O VELHO

12/06/2009 04:30 h

Pedro Palma

LIVRO PRIMEIRO

João foi acordado com o barulho de um tiro. Deu um salto na cama pensando estar a acordar de um pesadelo, mas não conseguia ver, rigorosamente, nada, nem ouviu mais nada. A escuridão e o silêncio eram absolutos. Tinha a certeza que ouvira um tiro, mas não sabia se antes ou depois de acordar. A cama do irmão, António, ficava a dois passos da sua, pelo lado esquerdo, e a do Manel a dois passos da do António, junto da parede, e da janela. Nenhum dos irmãos tinha acordado e isso confundia João. Só podia ter sonhado, caso contrário os irmãos teriam também acordado, mas não forçosamente.

Afastou o fato e fez girar o corpo para o lado direito de forma a ficar sentado na cama com os pés sobre a laje gelada do chão. Estendeu o braço a tactear sobre a mesa-de-cabeceira a procura da caixa de fósforos mas o gesto repentino e atabalhoado derrubou o candeeiro que queria acender. O som de vidro a quebrar-se e o odor intenso do petróleo derramado tiraram-lhe a ideia de acender um fósforo, pois poderia incendiar tudo. Dirigiu-se para onde sabia que estava a porta e tropeçou nas botas caneleiras, quase caindo. Agarrou o puxador da porta, e abriu-a devagar, evitando, sem saber muito bem porque, que esta rangesse. Um ténue e trémulo fio de luz amarelada entrou, timidamente, no quarto, vinda do extenso corredor com mais de dez metros.

João não fazia ideia de que horas eram, mas pelo escuro deveria ser madrugada alta pensou antes de se aventurar pelo corredor, precariamente iluminado pela luz amarela, periclitante, que agora tinha a certeza que vinha do quarto dos pais. Deu apenas dois passos, parando ao ouvir o pisar, característico, dos tacões das botas do pai, num caminhar nervoso pelo compasso curto do som das botas de montar. Ouviu fechar-se uma porta cujo ruído conhecia como sendo a de acesso ao quintal, pela cozinha. Ouviu outro fechar de porta, agora mais distante, era a porta do quintal para

a rua. Correu na direcção do quarto dos pais como se adivinhasse o que iria encontrar. Abriu tanto os olhos como alguma vez pensou conseguir abri-los, e que depois de registarem a imagem do corpo nu e ensanguentado da mãe, se foram espetar nos da irmã Alicinha, tão abertos como os seus. Encostou-se a ombreira da porta como se tivesse sido empurrado, mas sem desviar o olhar do da menina, de apenas dez anos de idade. Ficaram ambos quietos e calados por momentos, até que duas lágrimas, grossas e lentas, como se fossem de vidro, foram libertadas pelos olhos azuis de Cinha, e que em segundos desatou num pranto. Um estado de choque tinha impedido a pequenina de ter alguma reacção ao que presenciara. João, pestanejou pela primeira vez, e contornando a cama onde jazia o corpo da mãe, foi abraçar-se a irmã que agora chorava compulsivamente, com o queixo banhado num fluido viscoso que resultava da mistura de lágrimas e ranho. Puxou uma pequena, mas grossa manta de cima de uma cadeira e cobriu o corpo frágil da menina, tapando-lhe, suave mas firmemente, a boca como que lhe pedindo que parasse de chorar. Pegou na irmã ao colo e com um esforço, quase sobre-humano, conseguiu ainda, com uma das mãos agarrar no candeeiro, a petróleo, que se encontrava em cima da cómoda.

Pousou o candeeiro sobre a grande e sólida mesa de carvalho da cozinha e sentou a pequena Alice numa cadeira com o assento de bunho. Verificou que a menina estava bem agasalhada com a manta, e sentou-se numa cadeira que puxara para perto dela, sem nunca deixar de olhar para a irmã. Deu-lhe a mão que a pequenina apertou com força e ambos ficaram em silêncio por momentos. Cinha ainda chorava, embora mais moderadamente. João deu-lhe novo abraço e ele próprio chorou, conquanto em silêncio, para não transmitir alguma insegurança a irmã.

Num repente, levantou-se e acendeu outro candeeiro. Disse a irmã para não ter medo e quase impulsivamente, dirigiu-se para o quarto dos pais e fechou a porta a chave. Passou de novo pela cozinha, dirigindo um olhar de conforto, ainda que fugaz, a irmã que continuava imóvel e saiu pela porta da cozinha para o quintal. Certificou-se, com tranquilidade, que a porta tinha a grande chave no lado de dentro. Deu duas sonoras voltas e guardou-a no bolso do pijama, onde já tinha guardado a do quarto. Fechou, também, a porta da cozinha, e também com duas voltas, mas não retirou a chave, não achou necessário. Fez uma pequena carícia no fino e dourado cabelo de Cinha e foi remexer o borrinho para ver se as brasas ainda estavam acesas. Meteu-lhe mais dois bocados de azinho para fazer lume. Colocou uma panela em cima de uma trempa de ferro, no braseiro mortício, com um pouco de leite, todo o que restava em casa, e que momentos depois serviu a pequenina Alice num grande copo de alumínio com um bocado de açúcar amarelo, para a acalmar. Quando a menina ficou mais serena perguntou, Cinha, diz-me. O que se passou? O que viste?

O pai... o pai... mat...matou a mãe! Ia dizendo a menina com dificuldade num gaguejar provocado por um choro seco. Matou a mãe com a espingarda. Deu-lhe um ti... um tiro! O pequeno João não chorou, mas sentiu um nó na garganta e um aperto muito grande no peito, mas sabia que não podia chorar. E, de facto, nunca mais chorou

durante a da sua vida, de quase cem anos. Tinha que proteger a irmã. Tinha que proteger os irmãos. Eram quatro os filhos de João Manuel Pontes de Carvalho, o assassino de Maria Antónia Drago, com quem viveu casado durante treze nos, antes de a matar com um tiro de espingarda. O pai matou a mãe? Porquê? Zangaram-se? Perguntou o irmão. Acordei com o pai chamar nomes feios à mãe. Explicou a menina. E depois? Pediu João. A mãe disse que o pai estava bêbado, que ele fosse curar a bebedeira para a cavaliça! Ele saiu do quarto e voltou com a espingarda. Encostou-lha ah cabeça mas depois desceu o cano. Disparou-a no peito da mãe! Continuava a menina com alguma dificuldade em descrever a cena. Depois, apontou a espingarda ah minha cabeça, mas começou a chorar sem fazer barulho. Só corriam lágrimas dos seus olhos. E disse-me, Cinha. Vais esquecer o que viste hoje aqui! Depois saiu, e levou a espingarda com ele.

A menina recomeçou a chorar e o irmão voltou a abraçá-la. João disse à irmã que já voltava, e segurando o candeeiro foi ah pequena sala que ficava a meio do longo corredor, onde se encontrava o único relógio da casa. Precisava de saber as horas pois sabia que tinha que gerir muito bem o tempo a partir dali. Eram quatro horas e cinco minutos da madrugada do dia 5 de Novembro de 1895. Voltou ah cozinha e pediu ah irmãzinha que fosse com ele para a deitar na sua cama. A menina obedeceu em silêncio. O pequeno, e novo chefe de família, João Manuel Drago Pontes de Carvalho, de apenas 12 anos, teve o cuidado de colocar outro candeeiro, aceso, bem afastado do que estava partido para que a irmã pudesse ficar mais tranquila com luz. Puxou o fato da cama até lhe cobrir os ombros e deu-lhe um beijo na face, pensando: “Hei-de proteger-te toda a vida, minha querida irmã!”. Esta promessa seria quebrada pelo pequeno João de agora com apenas doze anos, outros tantos anos mais tarde.

O rapazinho, tirou, com vagar, a chave do bolso esquerdo do pijama e introduziu-a, hesitante, na fechadura do quarto onde estava a mãe morta com um tiro de caçadeira que lhe destruíra os seios, abrindo-lhe um grande buraco no peito. Abriu a porta, agora com determinação, e entrou no quarto, quase indiferente ao espectáculo macabro. Nem parecia o mesmo rapaz de meia hora antes. Fechou os olhos ao corpo da mãe. Puxou e arranjou o cabelo do cadáver, metendo-lhe mais uma almofada para lhe dar um ar altivo, ficando o corpo quase sentado, que cobriu com uma manta, primeiro, e com um lençol branco por cima. Sentiu-se como se lhe tivesse dado vida, depois que limpou, com uma toalha molhada, algum vestígio de sangue na cara. Se alguém a visse diria que era uma mulher feliz e serena a descansar... apenas. “O que estava feito, feito estava, e agora era urgente programar o futuro imediato.” Terá pensado o rapazinho, que de repente ficara quase um homem. Como se tivesse passado da segunda infância para a idade jovem adulta, em apenas três quartos de hora. Antes de sair e fechar a porta do quarto, ainda foi à mesa-de-cabeceira do pai procurar o relógio de ouro que só era usado em dias especiais. Guardou-o, não para ter uma recordação, mas sim como uma ferramenta de gestão pessoal. Algo que o ajudasse a contabilizar o tempo gasto daí em diante. Foi à sala e acertou o relógio de ouro pelo que lhe dizia o da parede: cinco horas menos dez minutos. Voltou para o

quarto, onde estavam todos os seus três irmãos, que a partir de agora seriam também seus filhos: Maria Alice Drago Pontes de Carvalho, de dez anos de idade; António Manuel Drago Pontes de Carvalho, de oito anos e Manuel Drago Pontes de Carvalho, de seis. Todos os rapazes tinham o nome Manuel mas apenas um era tratado por Manuel, o Manel, como se do genuíno se tratasse. O António, de oito, viria a morrer de tuberculose aos quinze, e o Manel fugiria para a Suíça, aos dezanove anos, perante a “vergonha” de ter sido encontrado a ter relações sexuais com outro homem. Ainda bem que se tinha ido. Toda a gente, família e amigos, preferiu dá-lo também como morto. Pronunciar o nome do Manel era tabu. O pequeno João, João Manuel, viria a ser um abastado negociante de cereais em Serpa e Cinha, iria estar, até ao fim da vida, sobe a sua vigilância, nem sempre protectora, como hoje lhe prometera.

A pequenina Alice dormia profunda e tranquilamente enquanto o irmão mais velho pensava como agir quando fosse dia. João, abriu a tampa do relógio de ouro brilhante, já três vezes por ele polido, e viu mais uma vez, as horas: cinco e vinte da manhã. Adormeceu, vencido pela exaustão.

Era uma manhã fria de Outono quando João Manuel montou no cavalo do pai para irem fazer uma batida às raposas. Os batedores, a pé, eram seis e os cavaleiros, com uma matilha de foxes, eram seis também. O pequeno João não contava, só ia de boleia até ao Cabeço dos Mortos, acompanhado do seu perdigueiro, o Inglês, para depois irem caçar miudezas para o Barranco do Abrantes, junto ao canavial. Saltou do alazão malhado do pai e combinaram encontrarem-se ali mesmo pelo meio-dia, para comerem. O Inglês, já habituado, começou a correr pelo cabeço abaixo na direcção do longo canavial, com uma choupana abandonada numa das extremidades. João seguiu o cão, também a correr para aquecer. Já se ouvia o barulho das latas para afugentar as raposas e o rapaz embrenhou-se na selva de canas. Ouviu o bater de asas de um bando de patos bravos que levantara do barranco com o ruído das canas a serem quebradas e vergadas, e um momento depois, viu o bando passar por cima da sua cabeça. Fingiu ter uma espingarda, apontando com o braço esquerdo esticado, dando ao gatilho com o dedo indicador direito e disparando com a boca, PAM! PAM!

O João, pai, decidiu usar a estratégia de ir com os seus cães para a ponta sudeste do canavial no barranco. A sua intuição pareceu-lhe certa quando dois dos seus cães se precipitaram para o canavial, ladrando que nem desalmados. Nesse momento, o João, filho, que ouvira os cães, imaginou que houvesse uma raposa por perto. Começou, cuidadosamente, com o Inglês à procura dela. Um ruído atrás de si fê-lo voltar-se, dando de caras com o pai a cavalo, de espingarda apontada. Disparou contra aquilo que pensou ser uma raposa, mas não era senão o Inglês. Desfez-lhe a anca com o chumbo grosso. Quando deu conta do engano, disparou um segundo tiro, para que o bicho não sofresse.

Uma grande barulheira, de punhos fortes e, talvez, pontapés, a baterem na porta do quintal, com vozeirões que não eram entendíveis, pela mistura de sons, acordaram o

João e o Manel, arrancando o primeiro do pesadelo que estava a ter. O António apenas se mexeu na cama e Cinha nem deu por nada. João disse, autoritário, ao irmão que ele ia ver o que se passava e que não saísse do quarto que já vinha. Fez o corredor como se escorregasse, os seus passos, largos e apressados, eram calados pelas grossas meias de lã sobre a laje polida.

É a Guarda Real! Abra a porta senhora Maria Antónia Carvalho! É a Guarda Real, abra! Alguém que abra esta porta! Gritava uma voz forte. O rapaz João, antes de abrir a porta ainda teve tempo de ver, de novo, as horas. Eram sete e vinte e o dia ainda mal tinha nascido, e nascera escuro, prometendo muita chuva. Tirou a grande, e pesada chave negra do bolso do pijama e deu duas voltas com ela. Ouviram-se dois “Claques” e a porta foi empurrada pelo lado de fora por uma bota preta de um guarda. Entraram três guardas e o último trazia o João, pai, agrilhoado.

Onde está a tua mãe rapazinho? Perguntou o guarda mais velho e, provavelmente, o mais graduado. O rapaz ficou admirado com a pergunta. Estando ali a Guarda com o pai preso em correntes, já deveria saber da história, melhor do que ele próprio.

Está a descansar! Respondeu o rapaz João, não reparando na cara de espanto do pai. Não tinha tido coragem de olhar para ele. A descansar? O teu pai diz que a matou! Onde está ela? Voltou a perguntar o mesmo guarda. O rapaz, fez um gesto com a mão direita como a pedir que o seguissem e encaminhou-se, devagar, para o interior da casa. Abriu a porta do quarto dos pais, iluminado pelo candeeiro de petróleo. Entraram todos, e todos eles, excepto João, ficaram com a mesma expressão: um misto de tristeza e admiração pela beleza do cadáver. O pai de João, João, disse-lhe baixinho, numa espécie de pedido de perdão, Vais ser um grande homem, meu filho! Que Deus abençoe o teu caminho, mas deixa-me pedir-te um grande favor: procria mas nunca te cases. Nem imaginas a dor que se tem quando enviuvamos! O rapaz limitou-se a fechar os olhos por um curto momento como que tentando dizer “sim”, percebendo, muito bem, o que o pai lhe dissera, “Nem imaginas a dor que se tem quando enviuvamos”. Ele sabia que o pai, agora sóbrio, matara sob o efeito do álcool, a mulher que sempre amara. Estava, de certeza, muito arrependido, e João desejou ter o poder dos homens para perdoar o pai, mas sabia que não haveria perdão para quem matou, e justiça iria ser exigida pelas autoridades. A Guarda Real saiu do quarto, levando o pai de João com ela. O mais velho, o graduado, disse que mandaria, dali a pouco, duas freiras para se ocuparem deles, de João e dos irmãos.

Quando João voltou ao quarto, os outros dois rapazes já estavam acordados e ao verem o irmão perguntaram o que se tinha passado. João respondeu com algo convincente que os aquietou. Os pais tiveram que viajar até Espanha, de urgência, porque um irmão da mãe está a morrer! Sentiu-se bem por ter dado uma resposta convincente. E acrescentou, Daqui a bocado vêm aí umas freiras para tratarem de nós, até os pais voltarem, o que pode demorar pouco ou muito tempo! Mas quem chegou bem antes das freiras foi o Tio Fernandinho, que sendo um grande amigo do pai de

João, não tinha, de facto, qualquer parentesco com a família. Fernando Varela, era o seu nome e quando João lhe abriu a porta do quintal ele abraçou-o, levantando-o ao seu nível, e disse-lhe, não te preocupes, meu filho, eu vou cuidar de ti! – João teria preferido ouvir “vou cuidar de vocês”, mas de facto era o que iria acontecer, Fernando Varela iria cuidar apenas do João Manuel.

Fernando Varela, o tio Fernandinho, pediu a Carlota que fosse dar banho à menina, e depois, olhando para o João disse, Hoje vamos ao convento ver os manos. O António faz anos, nove. Vamos levar-lhe um presente, um coelho branco, que com ele lhe arranjaremos um nome. Piscou o olho e sorriu para o rapaz. João concordou com um pequeno movimento de cabeça. Tinha contado os dias e hoje, no dia de anos do irmão tinham passado noventa e cinco dias desde a noite de desgraça. Já se estava em Março. O frio já não apertava tanto e os dias já não eram tão curtos. Os irmãos tinham ficado com as freiras, a pedido do tio Fernandinho. Alicinha, por insistência de João, tinha ido com ele para o Monte do Cerco, mas tinha ficado ao cuidado de Carlota a empregada para todo o serviço, de Fernando.

A viagem ao convento foi longa, mas o tempo passado com os irmãos, António e Manel, foi curto, não chegou a uma hora. Os rapazes pareciam tristes e o momento de maior alegria foi quando as freiras partiram o bolo de aniversário de António. Um bolo de mel feito sem grandes cuidados. Depois foi dado o presente, o coelho branco, que ficou com o nome de Bolinha. Quando chegaram, de volta, ao Monte do Cerco já era noite. Fernando, João, Carlota e Alicinha estavam esgotados. Carlota preparou uma refeição ligeira, com carne de porco e batatas. Às dez da noite já estavam todos deitados... excepto João, que ficou na cozinha a rabiscar notas e desenhos que só ele entendia. Tinha andado na escola apenas um ano, mas o tio Fernandinho também o ia ensinando, sempre que podia. Ler, João sabia pouco, escrever quase nada, mas parecia dominar os números melhor que as letras. O desenho também o atraía e cavalos e cães evidenciavam o seu interesse. Ficou acordado todo o tempo que conseguiu, deixando tombar a cabeça sobre o tampo de mármore da grande mesa, já depois da meia-noite, foi Carlota que o viu sobre a mesa e o deitou, numa das várias rondas nocturnas pela casa.

Vamos a levantar seu malandro! Hoje é dia de ir a Beja. Vamos ao palacete da Senhora Condessa. Já tens o banho preparado. Daqui a uma hora quero-te pronto! Foi assim, autoritariamente, que o rapaz João foi acordado no outro dia às oito da manhã. Por ele, ficava na cama, mas parecia que aquela ida a Beja era coisa muito importante. Era o que Fernando lhe andava a dizer há vários dias, sem que percebesse, no entanto, o que ia ele fazer a casa da Condessa.

Despache-se menino que o seu tio já tem a charrete pronta. Beba esse leite todo, de uma vez e corra! Disse Carlota, batendo as palmas das mãos.

Do Monte do Cerco até Beja, Fernandinho Varela apenas abriu a boca uma vez: Esta mulher, a Condessa, é muito poderosa. Uma mulher de muito respeito. Ela vai ser tua madrinha. Madrinha é como uma mãe... fez uma pausa, pediu desculpa e não mais voltou a proferir palavra, até chegarem ao palacete. Espera aqui, até que eu te chame. Disse Fernando antes de fechar uma grande porta, perdendo-se atrás dela. João ficou sentado, imóvel, apenas a observar o que o rodeava. Lamentou não ter levado consigo o seu caderno e um lápis. Poderia desenhar o que via. Uma sala ricamente decorada, com várias grandes telas com cenas de caça pintadas a óleo. A porta abriu-se e a figura de Fernando reapareceu, mas não para o mandar entrar, ainda. Espera um pouco mais, já te chamo. Voltou a desaparecer.

Um ligeiro puxão de orelha arrancou-o do sono em que mergulhara. Vamos João, para casa. A Senhora Condessa sentiu-se indisposta e não nos vai receber hoje. Fernando parecia zangado com algo. João sem perceber nada, limitou-se a seguir a figura do tio, impecavelmente vestido, e com um chapéu castanho-escuro que só colocou na cabeça depois que saiu para a rua. Na viagem de regresso, Fernando não disse, rigorosamente nada, mas bufou, diversas vezes, alguns sons incompreensíveis por João. Quando chegaram estava no monte o mestre Alexandre, o barbeiro que já lá tinha almoçado, na companhia de Carlota e de Cinha. Hoje é só o rapaz. Bem rente por causa dos piolhos. Não quero piolhos aqui no Cerco. Disse Fernando ao barbeiro que ia de propósito ao monte cuidar dos cabelos dos homens, Fernando e João, neste caso. Quem cuidava do cabelo de Cinha era Carlota, que tratava do seu próprio, também. Mestre, trate lá do menino João antes dele comer por causa da congestão. Quando o senhor Fernando vai directamente para o quarto é sinal de que nem vai almoçar. O homem tratou da cabeça do rapaz, com tesouradas impiedosas, deixando-lhe apenas um dedo de cabelo. E depois deixou o Monte do Cerco, montando a sua mula castanha. Então, menino, a Senhora Condessa recebeu-o bem? Perguntou Carlota enquanto João comia um gaspacho com toucinho frito e ovos mexidos. O João encolheu os ombros como não interessado no assunto, tendo morrido ali... o assunto. O resto desse dia também não teve especial interesse, que mereça aqui registo. No, entanto, o assunto, voltou a ser abordado quando seis meses depois, João foi baptizado na Igreja Matriz de Beja, tendo como madrinha, a Condessa de Villaverde, e que só teria papel significativo na sua vida vários anos mais tarde.

Os dias, as semanas, os meses, e os anos foram passando, de forma rotineira, sem algo de especial interesse, mas talvez seja bom não passar ao lado do dia em que João Manuel, o até aqui referido como pequeno João, bateu com os nós dos dedos da mão direita, três vezes, na porta do escritório de Fernando Varela, seu tio adoptivo, esperando o que seria de esperar, Entra! Entrou com a boina castanha apertada na mão esquerda. O tio mandou-me chamar? Perguntou, algo nervoso. Sim, João, mandei. Senta-te e espera um pouco. Deixa-me acabar apenas aqui umas coisas. Falamos já. O

rapaz obedeceu, sentando-se na poltrona verde-escura num dos cantos do escritório, podendo ver, pela janela aberta, nas costas do tio, algum do movimento no Monte do Cerco. Via a bonita Margarida, de dezassete anos, dois mais do que ele, filha de um dos capatazes do Cerco. Lamentava ser tão novo, sem possibilidade de competir com o Chico Arcado, de dezoito anos e principal candidato à rapariga. Estás um homem, João, e quero que fiques a chefiar o pessoal da parte de baixo do monte. Disse, sem aviso, o tio Fernando. O rapaz abriu os olhos como que vendo com aquela frase um empurrão no tempo, tornando-o muito mais velho que o Chico Arcado. Ser capataz da zona sul do monte dava-lhe o respeito de trinta anos, que era a idade média de um capataz. Levantou-se num pulo e ainda perguntou ao tio, Tem a certeza tio Fernando? Porquê? Não te achas capaz de liderar o grupo mais fraco do Cerco? São só doze homens, meu filho. Um trabalho fácil de fazer. Respondeu Fernando Varela. Sim. Claro que sou capaz! Disse o João, já com o pensamento na jovem Margarida. Podes ir à tua vida, João. Daqui a pouco mando o Reis ter contigo. Escolherás hoje o teu cavalo e começa amanhã. Concluiu o tio, fazendo um gesto com a mão que lhe dizia para sair.

Não tinha passado uma hora desde a conversa com o tio, quando o Reis, batendo duas vezes na porta da cozinha, apenas em sinal de aviso, antes de entrar, tirando o boné e cumprimentando todos os presentes, Boas tardes senhora Carlota, menina Alice e menino... desculpe, senhor João Manuel. O seu tio pediu-me que o procurasse para escolher um cavalo e o apresentar ao seu grupo, que até aqui era conduzido pelo Zé das Dornas e que ficará também sob as suas ordens. O Zé das Dornas é capaz de se tornar um problema, dizia o homem enquanto se servia de água fresca, de uma enfusa. Via-se que tinha intimidade com a casa e com o pessoal, o que não causou espanto a João que o considerava braço-direito do tio. O homem continuou, depois de ter limpo a boca à manga da camisa. Mas se o Zé das Dornas o contrariar, basta que mo diga. Nem vale a pena apoquentar o seu tio com isso. Vamos às cavalariças? Perguntou o Reis ao jovem, que se levantou imediatamente, com entusiasmo, como que respondendo. Ambos saíram para os quarenta e três graus desse mês de Agosto, e que o rapaz João, agora, e daqui em diante, senhor João Manuel, não iria esquecer. Chegados à primeira das cavalariças, a atenção do jovem João Manuel foi direita ao fundo desta, atraída pelo relinchar baixo de um cavalo preto. O Reis mostrou-lhe um lusitano castanho, um árabe branco malhado de preto, mas a atenção do rapaz não se soltava do preto ao fundo. E aquele? Perguntou o João Manuel. Aquele? O Vapor? Naaaaa... aquele não é bicho para o menino... para o senhor, desculpe. O Vapor nem o senhor Fernando o monta. O Chico Arcado é o único que se lhe aguenta em cima, e mesmo assim com dificuldade. Mal o homem pronunciou o nome de Chico Arcado, João Manuel ficou com a certeza que era aquele cavalo que ele queria, e disse-o autoritário. É esse mesmo que quero, o Vapor. Traga-me o Chico Arcado, que o quero ver montar no Vapor. Reis, peça aí a alguém para o arrear. O homem, explicou, ao agora senhor João Manuel, que por uma questão de respeito, o deveria tratar por tu, visto que o jovem era patrão e ele, apenas empregado. Saiu da cavalariça para cumprir o pedido, mandar arrear o cavalo. João Manuel aproximou-se mais do Vapor e ao ver-

lhe os olhos, pretos como a pelagem, soube que se iriam entender. Vamos entender-nos, não vamos Vapor? Perguntou baixinho. O cavalo relinchou alto e empinou-se. Para João Manuel era, obviamente, um sim.

Entraram na cavalaria dois homens que o cumprimentaram com um Boa tarde patrão. Traziam uma sela e arreios. Qual é o animal? Perguntou um dos homens. O preto do fundo. O Vapor. Respondeu o jovem, dando passagem aos homens, que pouco tempo depois lhe trouxeram o cavalo para a porta da cavalaria. Aqui o tem, patrão. É um árabe com muito carácter. Tome cuidado. Disse-lhe o homem que lhe deu as rédeas para a mão, mas nem o Zé das Dornas nem o Chico Arcado tinham chegado ainda e João Manuel ficou a contemplar o animal, calmo como que esperando que o rapaz o montasse. João Manuel olhou para os lados, olhou para o Vapor. Olhou de novo à volta para se certificar que não era observado e decidiu montar o árabe, que o recebeu com tranquilidade. Apenas relinchou uma vez, como se quisesse dizer alguma coisa, e voltou a empinar-se ligeiramente.

A passagem da jovem Margarida, precipitou tudo. João Manuel, inclinou o corpo para segredar ao ouvido do cavalo, Anda. Não me deixes ficar mal. E foi passar, devagar, perto da rapariga, que cumprimentou. Boa tarde, menina Margarida. A rapariga respondeu ao cumprimento, Boa tarde patrão. João sentiu uma ligeira taquicardia e depois de se afastar uns dez metros, picou o Vapor com as esporas que desatou num galope veloz em direcção ao Guadiana. Quando, finalmente o Zé das Dornas e o Chico Arcado chegaram à cavalaria já não havia sinais de cavalo nem de cavaleiro. Entreolharam-se e saíram sem darem importância ao assunto. O rapaz tinha escolhido cavalo que era o que tinha sido ordenado pelo patrão. Ambos os homens foram às suas vidas. Mais tarde, Reis apresentar-lhe-ia o grupo, no qual estaria integrado o Chico Arcado.

Era uma sensação nova para o rapaz João, de liberdade e de poder. Sentia-se dono da Herdade do Cerco. Já tinha marcado a jovem Margarida, para si e estava seguro de que a conquistaria. Tudo era, agora, uma questão de tempo, e ele não estava com pressa nenhuma. Se Deus existisse estaria, certamente, do seu lado. Bateu com a palma da mão no lado direito do pescoço do Vapor, dizendo-lhe com o pensamento, Meu bom amigo. Começou a descer pela margem direita do rio. Aqui estava menos calor, mas mesmo assim, ainda estava muito. Desceu do cavalo que atou a um arbusto e foi sentar-se a admirar o rio que corria fraco, mais parecendo um ribeiro. Depois de muito tempo, voltou a pensar na morte da mãe. Era um assunto que ele considerava que tinha resolvido, mas sabia que o iria perseguir o resto da vida. Levou a mão ao bolso das calças e tirou o relógio de ouro que tinha sido do pai. Abriu-o e viu os ponteiros sobrepostos, de tal maneira que parecia apenas um. Eram quatro e vinte e dois. Tinha tempo. De certeza que só iria conhecer o seu grupo no fim do dia, pela fresca. Guardou o relógio e mandou um olhar para trás de si para ver o Vapor que estava calmo, mordiscando o arbusto. Era um bonito cavalo, com porte elegante e selvagem, mas como João tinha constatado era um animal de confiança, dócil, com personalidade. O

rapaz soubera que o tinha montado, assim, sem problemas, porque o animal o tinha consentido. Facilmente o teria mandado ao chão, se quisesse.

O Reis, a cavalo ao lado de João Manuel, montado no Vapor, parecia um general dirigindo-se às tropas, uma dúzia de homens, entre eles o Chico Arcado e o Zé das Dornas, começou, A partir de amanhã, o patrão João Manuel, será o chefe da equipa sul da Herdade do Cerco. Será ele que decidirá tudo. Qualquer questão que tenham a colocar, será a mim, como responsável de toda a herdade, e em caso de assunto grave, eu próprio tratarei do assunto, com o Patrão Fernando Varela. As ordens do patrão João Manuel serão para cumprir à risca, caso contrário, o desobediente será despedido no próprio dia. Entendidos? Perguntou o Reis. Todos responderam da mesma forma muda, apenas com um baixar de cabeça, esbatido.

Meus amigos, começou João Manuel, sendo logo interrompido, em segredo pelo Reis. Eles não são seus amigos, são seus empregados. Trate-os por homens... apenas. João Manuel recomeçou: Meus homens, amanhã de manhã, voltamos a encontrar-nos neste mesmo local para distribuição de tarefas. Algumas irão ser transferidas para outros elementos do grupo, mas algumas mantêm como estão. Quero-vos aqui todos logo ao nascer do sol. Fica marcado para as seis e meia da manhã. Podem ir. Disse o jovem, e o grupo dispersou.

Nada mal. Mas, depois do jantar, aí por volta das nove horas, gostaria de me reunir consigo, senhor João Manuel, para lhe dar algumas indicações. Só há três homens a quem distribuir tarefas, todos os outros não passarão de força braçal. Do pagamento das jornas encarrego-me eu, todos os dias, às seis da tarde. O senhor João Manuel apenas os terá que dirigir. Se algum lhe causar problemas, troca-se por outro de um outro grupo. Mas falaremos melhor daqui a bocado. Em meia hora estaremos acertados e o senhor João Manuel irá aprendendo todos os dias consigo próprio. Bom apetite e até logo no meu anexo. João concordou.

No outro dia, às seis e meia da manhã, em ponto, João Manuel dirigiu-se para o terreiro onde ficava o poço. Dos doze homens, faltava um, o Chico Arcado. O jovem parou o árabe negro em frente aos homens, olhou para o sol, tirou das calças o relógio de ouro, que marcava seis horas e vinte e sete minutos. Bom dia meus homens! Disse de forma potente. A resposta foi: Bom dia patrão.

Vamos esperar mais três minutos, pois parece que falta aqui um homem. O grupo concordou com um aceno de cabeça.

Eram exactamente seis e meia quando o Chico Arcado chegou a correr, alinhando-se ao lado do grupo. João Manuel fez o Vapor dar três voltas rápidas e curtas para transmitir uma mensagem de desagrado, que o Chico Arcado pareceu entender perfeitamente.